

O cinema da região Centro-oeste

Uma reunião de inéditos no Festival do Filme Brasiliense

SEVERINO FRANCISCO

Da Editoria de Atualidades

Iai, de Jota Erres, A Mensagem do Profeta, de Marco Orsini, Guerra Santa na Avenida, de Miguel Freire, Mínima Cidade, de João Lanari, Boca de Forno, de Pedro Jorge, Serra Velha dos Cristais, de Jorge Martins, Perseguição, de Sérgio Moriconi, Músicas Campesinas e Patativa do Assaré, de Jefferson Albuquerque. Eis aí alguns filmes que baterão na tela da sala da Cultura Inglesa, durante o II Festival do Filme Brasiliense, a ser realizado entre os dias 13 e 19, do próximo mês. Em relação ao ano passado, o evento apresenta uma série de novidades: incorporação de um festival de super-8, a instituição de um júri popular, a exibição de filmes de diversos pontos do Centro-Oeste e uma tentativa de uma maior integração entre os cineastas que atuam na região, uma série de debates sobre as possibilidades e perspectivas dos novos suportes da era eletrônica (em especial o videocassete) e prêmios maiores. O Festival será aberto com a exibição do filme Teotônio Vilela, de Vladimir Carvalho, aguardado com muita expectativa em função do tema e do cineasta. Entre os convidados, cogita-se o nome de Nelson Pereira dos Santos, Hermano Penna, Cândido (cineasta de Mato Grosso do Sul), Dionísio Soares (cineasta de Santa Helena de Goiás, autor de um filme sobre música caipira) e Belém (de Goiânia). "A gente está investindo muito na tentativa de reunir os grupos do Centro-Oeste, embora seja sempre interessante, em termos de divulgação, trazer gente famosa", explica Mário Cury, presidente da Associação Brasileira de Documentaristas,

entidade promotora do Festival. "A ABD está tentando organizar, juntamente com o Festival, uma mostra de filmes do Centro-Oeste, não-limitada a Brasília. Faz parte também desta tentativa de criar uma mobilização neste eixo visando fortalecer um núcleo regional de produção e promover uma avaliação crítica desta produção. No Festival passado havia uma safra bastante grande acumulada e sem uma oportunidade para uma divulgação mais abrangente. Agora, isto já não existe e abriu-se um espaço para um desdobramento numa perspectiva já de Centro-Oeste".

O júri do Festival será composto por representantes indicados por diversas

entidades escolhidas pela ABD (Sindicato dos Jornalistas, Embrafilme, Conselho Nacional de Cineclubs, Frente Cultural de Brasília, Secretaria de Educação e Cultura), além de um músico, um fotógrafo e um profissional de Teatro. A participação efetiva da Fundação Cultural, neste Festival, permitiu oferecer prêmios razoavelmente interessantes". Como tem sido praxe em quase todos os acontecimentos do gênero, o Festival anterior apresentou um baixo índice de debate sobre a estética do cinema, - o chamado específico filmico - de maneira que, possivelmente, o II Festival não será resultante de indagações/inquietações do primeiro. Há uma verdadeira resistência, na acepção freudiana do termo, em se

debater a questão da linguagem. "Este problema tem-se repetido em quase todos os espaços da cultura brasileira - comenta Mário Cury. Todo mundo sente a necessidade de estabelecer esta discussão. Eu não sei que tipo de condicionante existe - talvez a própria dificuldade de realizar filmes que impede que isto aconteça. Eu tenho a impressão que o próprio universo de espectadores e nós realizadores somos também espectadores, quando não estamos filmando, está condicionado pelos aspectos políticos e econômicos do momento atual. E especialmente numa cidade como Brasília, onde as dificuldades são imensas, isto tudo fatalmente invade a linguagem. Mas, talvez, a própria diversidade de linguagem e temas deste Festival indu-

za a este debate".

Um dos concorrentes ao II Festival do Filme Brasiliense é A Mensagem do Profeta, realizado em 16 mm, direção de Marco Orsini, fotografia de Marcelo Coutinho, montagem de Mário Cury e Geraldo Moraes. O filme joga com articulações simbólicas entre os 18 anos de Brasília, o espaço arquitetônico monumental da cidade, as profecias do famoso "Gentileza". No decorrer das pesquisas para o filme, Mário descobriu que "gentileza" incorpora na sua postura a personalidade de Tiradentes: "Isto tudo reforçou a dimensão simbólica. O discurso de "Gentileza" exalta o futuro do Brasil - um Brasil de paz e liberdade - e ao mesmo tempo evoca a figura libertária de Tiradentes". Mário Orsini filmou "gentileza" em meio a uma grande passeata de crianças pelos eixos monumentais de Brasília. Mário Cury, autor da montagem, ressalta que o filme é aberto, permite múltiplas leituras: "As palavras apenas completam as imagens. O filme não tem uma leitura literária". Em relação à produção de curtas, no Brasil, Orsini situa seu filme como um documentário - de interpretação deliberadamente pessoal, onde incorporou informações de dois espaços por onde passou: os cursos de comunicação, antropologia: "Gentileza" é o que poderíamos chamar, dentro de uma perspectiva da antropologia, um comportamento desviante. A leitura que ele faz de toda esta simbólica do nacional é um samba de crioulo-doido, ele baralha todos os códigos que a sociedade dá para a gente. E isto, talvez seja, uma forma de lucidez".